

Sumário

A REVISTA

4 — A outra vida de Sampaio

Teresa de Sousa

Domingos Abrantes:
o homem-sombra de Cunhal

Joaquim Vieira
José António Lima

17 — Primeiro Plano

João Carreira Bom

NACIONAL

18 — A face portuguesa do Islão

Nuno Ferreira
Mário Robalo
Paulo Camacho

25 — Futebol

A loja de mestre Queirós

Leonor Moreira

29 — Leilão

As cores do dinheiro

João Paulo Baltazar

31 — Irracionalismo tradicionalista

João Carlos Espada

CIÊNCIA

34 — O avião invisível

José Vitor Malheiros

38 — Entologia

Konrad Lorenz:
o homem e os gansos

José Manuel Fernandes

INTERNACIONAL

42 — Jugoslávia o efeito Kosovo

Santos Pereira

46 — Reportagem

Venezuela: depois do choque

Fernanda Barão

50 — Partidos

A esquerda italiana na encruzilhada

Vera Araújo

CULTURA

52 — Bergman: a espiral completa

Jorge Leitão Ramos
João Lopes
Manuel Cintra Ferreira

56 — Estreia

O animal em nós

João Lopes

58 — CD's

O novo som das lendas

Luis M. Alves

60 — Discos

GNR: operação Páscoa

Ricardo Saló

63 — Livros

Portugal, esse desconhecido

Nuno Severiano Teixeira

64 — Exposições

Pintura:
lugar de estar, lugar de trânsito

José Luis Porfirio

66 — Intimidades

Eça e Camilo: cherchez la femme

Fátima Maldonado

MAGAZINE

70 — O Algarve e o mito do Infante

Jacinto Palma Dias

73 — Moda/À Mesa/Bazar

79 — Jogos Sortidos

Sinais do tempo

NORMAN MAILER afirmava, há dias, que Khomeini tinha oferecido aos escritores a oportunidade de recuperarem «a fé no poder das palavras». Quando, no Ocidente, o império dos «media» audiovisuais parecia ter destronado em definitivo a influência da palavra e, nomeadamente, da ficção escrita, é um romance que aparece no centro da mais extraordinária convulsão provocada nos tempos modernos por uma criação intelectual. A cruzada medieval e fanática do líder iraniano e

o seu apelo ao assassinato de um escritor — culpado da autoria de um romance «blasfemo» — reintroduz, com macabra ironia, o estatuto mágico e sagrado do livro no mundo actual. Por outro lado, um valor que estaria decisivamente adquirido e garantido nas sociedades democráticas — a liberdade de pensamento, expressão e criação artística — revela-se ameaçado, precário e vulnerável face à chantagem terrorista. Finalmente, quando uma santa aliança das Igrejas — Vaticano incluído — faz coro contra a «blasfémia» de Rushdie, os Estados laicos modernos e as opiniões públicas que estão na sua base vêem-se remetidos a uma posição defensiva — e o homem sem Deus é convidado a interiorizar como «culpa» o preço da sua liberdade.

De súbito, o «caso Rushdie» trouxe-nos de regresso a um passado de «grandes causas» que teríamos julgado inteiramente anacrónicas no fim dos anos 80 e a duzentos anos de distância da Revolução Francesa. Não falta, aliás, quem se mantenha olímpicamente indiferente a esses combates velhos e recuados e prefira ocupar as suas energias em apostas menos poeirentas. Quando um jornal jovem e imaginativo como «O Independente» se desinteressa tão ostensivamente deste caso e prefere ocupar-se do dia dos namorados ou da prole de Neves de Sousa, é caso para presumir que o «folhetim Rushdie» não está a dar. A não ser, o que é uma hipótese admissível, que um jornal que «respeita a tradição e aposta na autoridade» — de acordo com o seu estatuto editorial — se defronte com um dilema de consciência face à tradição fundamentalista e à autoridade do imã Khomeini. De qualquer modo, a apatia de «O Independente» face a estas questões maçadoras e manifestamente incómodas contrasta, de forma singular, com a exibição de necrofilia imperial que encenou a propósito da morte de Hirohito, o divino monarca do Sol Nascente aliado de Hitler durante a Segunda Grande Guerra.

SE O «CASO RUSHDIE» veio revelar a fragilidade de uma atmosfera de apaziguamento internacional — que ainda há pouco tempo parecia consolidada —, as dificuldades crescentes de Gorbachov em romper as inércias sociais e os bloqueios institucionais na URSS estão a pôr em risco os objectivos da «perestroika» e ameaçam o dege- lo com o Ocidente. Num clima crispado pela ameaça de Khomeini, o protagonismo do líder soviético na cena mundial perdeu a irradiação

que ele capitalizava para realizar as reformas internas. E à medida que a sua estrela entra em eclipse — prolongado? conjuntural? —, é também uma das grandes esperanças desta viragem do milénio que cede lugar ao receio de um regresso ao passado. Da utopia apesar de tudo exaltante da «casa comum europeia» a um retorno ao isolamento e ao pólo de atracção oriental, eis a trajectória que a URSS poderá vir a empreender se se consumir a

agonia das ilusões reformadoras de Gorbachov.

As perplexidades soviéticas e a doença de Álvaro Cunhal tornaram ainda mais visível e insustentável a esclerose política do PCP. Para os comunistas portugueses, o tempo parece ter irremediavelmente passado e é duvidoso que sobre as ruínas deixadas pela actual direcção haja ainda espaço e sentido para uma aventura renovadora. Daí a aposta estratégica que a nova

direcção do PS faz na captação do desiludido e sistematicamente frustrado eleitorado comunista. Os comícios do PS e do PCP, no próximo fim-de-semana, poderão ser o primeiro ritual público da recomposição da esquerda portuguesa. Para já, a afirmação discreta mas hábil e segura de Jorge Sampaio, a construção de uma nova imagem da liderança socialista abrem perspectivas a uma alteração qualitativa da nossa paisagem política. Com efeito, do

sucesso de Sampaio depende a superação de uma fatalidade que não é saudável para a democracia: a hegemonia sem concorrência e por tempo indefinido de um só partido. Entre os extremos do leque político que se estreitam cada vez mais e parecem prometidos a uma expressão residual e simbólica, entre um CDS já apanhado no pólo de atracção do PSD e um PCP que tenderá a ser absorvido pela esfera do PS — sem falar do coma profundo do PRD — desenha-se finalmente um cenário de bipolarização moderna, que encerraria o primeiro grande ciclo da história do regime. Os passos futuros de Jorge Sampaio e o estilo que impri-

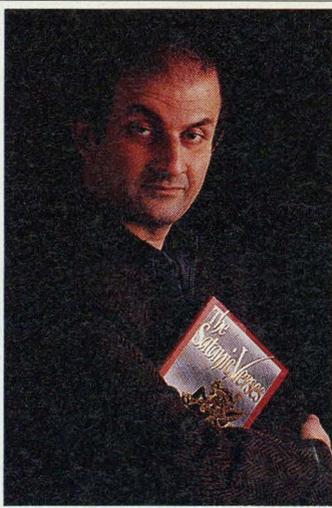
mir à direcção do PS ultrapassam o território socialista e o próprio universo da esquerda em Portugal.

NÃO É NOVIDADE para o leitor que entre o director e o director-adjunto do EXPRESSO são frequentes as diferenças de opinião sobre a actualidade política e, designadamente, sobre a acção do primeiro-ministro, Cavaco Silva. E não consta que essa diversidade de pontos de vista tenha chocado quem se habituou a ver no EXPRESSO um jornal plural e que assume essa pluralidade como um sinal de vitalidade democrática. Desta vez, porém, José António Saraiva entendeu dever explicitar formalmente esse debate na sua crónica da semana passada, discordando da minha interpretação sobre o «efeito de cassete» da recente entrevista de Cavaco Silva ao «Diário de Notícias», o que impõe algumas precisões. Contrariamente às aparências, a paternidade

da referência à cassete deverá ser atribuída ao meu amigo José António Saraiva, que, na sua crónica de 8 de Julho passado, se referia à segunda entrevista de Cavaco Silva à RTP, já na qualidade de primeiro-ministro, qualificando-a de «desastrosa» e acrescentando, textualmente: «Cavaco parecia um 'robot' debitando uma cassete gravada». A perspicácia de José António Saraiva foi então, como aliás em tantas outras ocasiões, singularmente pre-

monitória. Apenas me surpreende que o efeito de cassete da última entrevista de Cavaco ao «DN» lhe tenha merecido uma leitura tão atrasada quanto institucionalmente compreensiva. Saraiva critica os comentaristas que no discurso do primeiro-ministro vêem apenas a «forma» e não o «conteúdo», embora ele próprio se dispense de exemplificar esse conteúdo e prefira sublinhar a eficácia formal das «conclusões óbvias» a que chega

Cavaco na sua entrevista. Para além da distinção académica sobre «forma» e «conteúdo» — duas categorias que não são separáveis —, o que me parece é que a lógica repetitiva do discurso de Cavaco, independentemente dos «media» onde o emite, se esgota num simplismo e numa linearidade ideológica ao nível da propaganda. Que esta seja ou possa ser eficaz, é uma coisa. Mas converter essa eficácia em critério definitivo de apreciação política — como relativamente a Salazar e Cunhal, aliás dois homens de formação autoritária — pode revelar-se frequentemente perigoso.



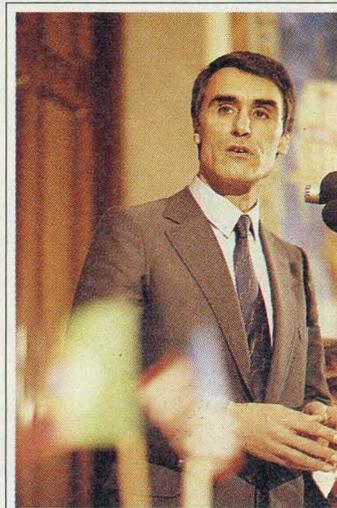
REX / ADS



Sygnia / ADS



António Pedro Ferreira



Rui Ocriou